



ENTAC2006

A CONSTRUÇÃO DO FUTURO XI Encontro Nacional de Tecnologia no Ambiente Construído | 23 a 25 de agosto | Florianópolis/SC

ABRIGO NA NATUREZA: SUSTENTABILIDADE NA HABITAÇÃO MBYÁ-GUARANI FRENTE ÀS INTERVENÇÕES EXTERNAS

Nauíra Zanardo Zanin (1); Miguel Aloysio Sattler (1)

(1) NORIE – Núcleo Orientado para a Inovação da Edificação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Av. Osvaldo Aranha, 99 – 3º andar - Porto Alegre, RS, Brasil

RESUMO

Proposta: Devido aos anos de colonização, algumas das atuais terras cedidas aos indígenas no sul do Brasil encontram-se degradadas e sem os recursos tradicionalmente utilizados para a construção. Esta é uma região do país que apresenta grande demanda habitacional indígena sendo atendida sem aprofundamento das especificidades culturais. As soluções dadas pelos programas habitacionais não atendem as reais necessidades culturais, por não existirem estudos específicos sobre o tema da habitação indígena. **Método de pesquisa/Abordagens:** O objetivo principal é descrever a situação habitacional atual de algumas aldeias da etnia Mbyá-Guarani no Rio Grande do Sul através de uma pesquisa exploratória que contextualiza o ambiente natural, a situação atual e a história. As intervenções provenientes de programas de habitação são avaliadas através da percepção e satisfação dos usuários, em comparação com as habitações autóctones. Busca-se também compreender a sustentabilidade do seu modo de vida através do estudo desta tradição construtiva. **Resultados:** O reconhecimento de que a tecnologia habitacional autóctone responde às necessidades culturais e é adequada ao meio-ambiente em que se insere - sendo os Mbyá-Guarani os maiores convededores das técnicas, dos materiais e da importância simbólica das suas habitações - permite que as políticas públicas atendam com maior eficiência as demandas destas comunidades. **Contribuições/Originalidade:** Esta é uma pesquisa inédita nesta região do país e vem atender esta lacuna no conhecimento.

Palavras-chave: **conhecimento tradicional; recursos naturais; adaptação climática; construção indígena.**

ABSTRACT

Propose: Due to colonization, some of the lands currently yielded to the indigenous people in the south of Brazil are degraded and lack the natural resources traditionally used in construction. This is a region of the country with high indigenous housing demand being supplied without knowledge about the specific cultures. The solutions given by the habitational programs do not generally fill the real cultural needs and there are no specific studies about the subject of indigenous habitation. **Methods:** The main objective is to describe the current habitacional situation of some communities of the etnia Mbyá-Guarani in Rio Grande do Sul through an exploratory research about the natural environment, the current situation and the historical context. The interventions proceeding from habitation programs are evaluated through the user's perception and satisfaction in comparison to the autochthonous habitations. It also aimed to understand the sustainability of their way of life through the study of this building tradition. **Findings:** The recognition that autochthonous technology meets their cultural needs and is adjusted to the environment where it's settled - being the Mbyá-Guarani the greatest wizards in the techniques, materials and symbolic importance of their habitations - allows the public policies to take care of these communities demands more efficiently. **Originality/ value:** This is a novelty research in this region of the country and comes to fill this knowledge gap.

Keywords: traditional knowledge; natural resources; climatic adaptation; indigenous construction

1. INTRODUÇÃO

As etnias nativas do continente americano estão adaptadas ao ambiente em que vivem, respeitando os condicionantes locais, desenvolvendo o cultivo, a caça e outras atividades, sempre preservando a continuidade das espécies. Desta forma, suas habitações são o reflexo desta relação respeitosa com a natureza, herança da tradição cultural. No entanto, devido à exploração dos recursos naturais por parte da sociedade ocidental e o progresso sempre tão almejado, o ambiente natural vem sofrendo um desfalque destes recursos tão importantes para estas comunidades.

As tecnologias construtivas utilizadas nas habitações indígenas fazem parte do conhecimento tradicional da cultura, mas em algumas situações tem sido difícil sua reprodução devido à falta de materiais nas áreas em que as comunidades se encontram. Os materiais utilizados são espécies nativas da região, que devido a anos de colonização vêm desaparecendo, sendo que alguns estão protegidos por leis ambientais que impedem sua extração. Estes materiais representam muito mais que estruturas e fechamentos, por conter um significado simbólico que determina sua escolha.

Sem a presença dos materiais necessários à construção tradicional, aos Mbyá-Guarani não resta outra alternativa que aceitar as habitações que lhes são oferecidas como uma forma de amenizar suas dificuldades. Sendo assim, em algumas áreas as habitações não são construídas por eles, mas através de programas de habitação. Algumas comunidades não aceitam a inserção de casas de não-índios e preferem que seja viabilizado o material para que possam construir as casas da maneira tradicional. Neste contexto, torna-se necessário o conhecimento da tradição construtiva, para que o modo de vida das comunidades seja respeitado e fortalecido.

Esta é uma pesquisa exploratória, inédita nesta região do país e neste núcleo de pesquisa – Edificações e Comunidades Sustentáveis/NORIE/UFRGS. Tem como objetivo suprir a falta de informações sobre a tradição construtiva Mbyá-Guarani e descrever a situação habitacional atual desta etnia no Rio Grande do Sul através da avaliação dos próprios Mbyá. Busca-se também compreender a sustentabilidade do seu modo de vida através do estudo desta tradição.

1.1 Etnia Mbyá-Guarani

Segundo Jecupé (2001b, p.18), que foi batizado guarani e escreveu três livros sobre esta e outras etnias, "o povo Guarani é calado, seu cotidiano tem um ritmo tão silencioso que se mescla com os sons dos campos ou das matas que normalmente habita". Esta característica é fundamental compreender e respeitar para o sucesso dos contatos com a comunidade. Mesmo sendo inicialmente tímidos, depois se revelam alegres, descontraídos e gentis, apesar de suas vidas estarem permeadas por conflitos, injustiças, preconceitos e desrespeito.

O termo Guarani se refere ao tronco lingüístico Tupi e é algo muito amplo, enquanto que o termo Mbyá se refere não só a uma variação da língua, mas também às características específicas de sua cultura que os afasta de outras etnias como os Ñandeva-Guarani e os Kaiová-Guarani. Devido ao seu modo de vida, os Mbyá sempre procuraram preservar sua liberdade, ficando por muito tempo à margem das políticas públicas – e literalmente na beira das estradas (SOUZA, 1998).

Adaptados aos ambientes de floresta subtropical da região platina, os Mbyá-Guarani estão distribuídos pela região sul e litoral do Brasil, Argentina e Paraguai. Eles utilizam uma grande variedade de espécies que ocorrem em vários estágios de sucessão. Hoje muitos materiais utilizados tradicionalmente estão escassos, não sendo encontrados nas áreas onde habitam - algumas áreas encontram-se degradadas ambientalmente devido ao uso intenso anterior à ocupação Mbyá. Existem cerca de 30 pequenas comunidades Mbyá no Rio Grande do Sul, contando com uma população de

aproximadamente 2000 pessoas, segundo relatório da Situação das Comunidades Indígenas no Rio Grande do Sul (CAMPREGHER, 2003).

1.2 Contexto ambiental

Os Guarani localizavam-se em matas subtropicais, próximas às várzeas dos rios. Neste ambiente, onde os invernos são curtos e os verões podem ser intensos, a arquitetura deve munir-se de flexibilidade. Um recurso utilizado para controlar a temperatura no período de inverno foi o fogo, tradição que se mantém até os dias atuais. Por outro lado, durante os meses de verão, onde muitas vezes a temperatura é semelhante à dos trópicos, é imprescindível evitar a incidência solar e potencializar as brisas. O pau-a-pique é uma estratégia eficiente de manutenção da ventilação e da privacidade, além de utilizar recursos provenientes da vegetação nativa das florestas subtropicais, como fibras, cipós e madeiras leves.

A utilização de alguns materiais nas soluções construtivas tradicionais tem importância cultural na tecnologia da arquitetura Guarani. Costa (1993, p.119) destaca que “a casa feita com as madeiras tradicionais seria um abrigo dos deuses”. Segundo Souza (2002), o aspecto mágico-religioso que envolve as atividades produtivas limita a ação utilitária do homem sobre o meio-ambiente de modo que os resultados das ações não dependem apenas do trabalho, mas de uma rede relações místicas. Segundo Cadogan (1970 apud NOELLI, 1993), o cedro (*Cedrela fissilis*), o marmeleiro (*Ruprechtia laxiflora*) e o guatambu (*Aspidosperma australis*), seriam as madeiras preferenciais para construções definitivas das habitações. O cedro é considerado uma madeira sagrada, devendo ser utilizada na estrutura da habitação. Hoje, devido à escassez do cedro na natureza, seu uso se restringe à casa de rezas ou a alguns elementos da mesma, sendo largamente utilizado o cerne da guajuvira (*Patagonula americana L.*) para estruturar as habitações.

A palmeira é um espécime vegetal especial para os Guarani, sendo encontrada nos mitos com uma equivalência à casa de rezas, que é um veículo para atingir a perfeição (COSTA, 1993). Sempre que possível o material utilizado nas coberturas é folhas de palmeiras (Lévi-Strauss, 1987; NOELLI, 1993): pindoba (*Orbygonia speciosa*), palmiteiro (*Euterpe edulis*), pindó (*Arecastrum romanoffianum*) e outras espécies de acordo com a região. Quando não se encontra, é utilizada palha: o sapé, ou jape (*Andropogon s.p.*). No Rio Grande do Sul é muito freqüente a utilização de taquara mansa (*Merostachys s.p.*) na cobertura das casas construídas pelos Mbyá-Guarani, sendo utilizado também, nos locais onde ainda são encontrados, o pindó ete (jerivá - *Syagrus romanzoffiana*) e o capim santa fé (*Panicum rivulare*) (EMATER, 2005).

Souza (1987) considera que as sociedades alcançam níveis diferentes de aproveitamento dos recursos e a postura da sociedade Guarani diante da natureza não previa o máximo aproveitamento como ocorre nas sociedades contemporâneas, mas era condicionada por uma postura simbólica que permitia uma relação mais equilibrada e ecologicamente duradoura.

1.3 Contexto histórico da habitação Guarani

As soluções construtivas procuram atender às necessidades básicas da vida em comunidade, considerando-se as condições locais de clima, topografia e recursos naturais. Noelli (1993) traz uma descrição do século XVII que retrata a casa Guarani, onde viviam de vinte até cem famílias, cuja distribuição interna era marcada pelos pilares que seguram a cumeeira e marcam a área de cada família, entre os esteios.

Schaden (1962) relata que algumas famílias Kaiová-Guarani ainda estavam organizadas em casas comuns, que abrigavam toda família-grande. Estas casas eram constituídas por um telhado de palha que descia até o chão e a seção transversal tinha a forma ogival, como uma canoa embarcada. Considerada por Schaden uma construção sólida e capaz de resistir às intempéries por muitos anos, a casa grande Kaiová era totalmente executada com amarrações de cipó.

Atualmente os Mbyá-Guarani vivem em habitações muito pequenas correspondentes às famílias nucleares, onde o telhado e as paredes são planos separados. As formas das moradias são leves, fáceis de construir e de razoável durabilidade. As madeiras podem ser encaixadas em forquilhas naturais ou entalhadas e nas amarrações da estrutura é utilizado cipó. Por utilizarem matéria-prima local, apresentam tom e textura idênticos aos da natureza e se fundem ao meio (COSTA & MALHANO, 1987). A casa é uma representação da floresta, uma vez que dela são retirados os materiais a serem utilizados, que acabam por retornar à floresta fazendo parte da construção: "a casa é a própria floresta, portanto, o próprio território, *Tekoha*" (MEDRANO, 1992, p.36).

Costa (1993) comenta que os acabamentos são criativos, funcionais e bem executados com materiais naturais tradicionais e locais, como o cipó, a argila e a taquara. Atualmente ocorre também a utilização de materiais improvisados e não-tradicionais. Costa (1993, p.122) esclarece que "hoje está difundida nas construções comuns, fora da casa de rezas, a utilização de arames e pregos, além de dobradiças metálicas nas portas e janelas".

2. OBJETIVOS

Descrição da situação habitacional atual de algumas aldeias da etnia Mbyá-Guarani no Rio Grande do Sul. As intervenções provenientes de programas de habitação são avaliadas através da percepção e satisfação dos usuários, em comparação com as habitações autóctones. Busca-se também compreender a sustentabilidade do seu modo de vida através do estudo desta tradição construtiva.

3. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de caráter exploratório, que procura investigar um tema ainda pouco abordado. Abrange a contextualização histórica e ambiental do tema, levantamentos físico e fotográfico, entrevistas abertas e observações realizados em campo. As entrevistas, observações e levantamento de dados nos campos de estudo tiveram como foco a temática da habitação e sustentabilidade. Além de visitas a algumas comunidades, foram realizadas conversas e entrevistas com funcionários, conhecedores e responsáveis por intervenções habitacionais que estão sendo realizadas nos últimos anos nestes locais, a fim de compreender melhor o processo de tomada de decisões e participação conjunta.

4. RESULTADOS

4.1 Sustentabilidade para os Guarani

Para realização da pesquisa, considera-se importante conhecer a cosmologia e o modo de vida do grupo estudado. Desta forma, apresentam-se aqui alguns elementos fundamentais para a compreensão desta cultura e o que representa a sustentabilidade para eles.

(...) A maior contribuição que os povos da floresta podem deixar ao homem branco é a prática de ser uno com a natureza interna de si. A Tradição do Sol, da Lua e da Grande Mãe ensinam que tudo se desdobra de uma fonte única, formando uma trama sagrada de relações e inter-relações, de modo que tudo se conecta a tudo. O pulsar de uma estrela na noite é o mesmo do coração. Homens, árvores, serras, rios e mares são um corpo, com ações interdependentes. Esse conceito só pode ser compreendido através do coração, ou seja, da natureza interna de cada um. (JECUPÉ, 2001^a, p. 61).

Os Guarani respeitam a natureza como um todo, não somente por dependerem dela, mas por sentirem que é parte deles próprios, sendo capazes de sentir a dor da natureza ao ser destruída. Em uma entrevista registrou-se o relato de um guarani, que certa vez estava em uma pedreira e começou a sentir fortes dores de cabeça, porque estavam quebrando a cabeça da terra:

O homem destruiu nossa natureza. Está pagando, estão nos ajudando agora, mas não deixou de destruir. A terra é o corpo, as pedras são a cabeça, a água é nosso sangue, tudo está ligado (Registro de entrevista concedida em 15/12/2005).

Os Guarani vivem uma tradição espiritual muito forte, que norteia suas ações, seu comportamento. Sempre estão dispostos ao diálogo e evitam o conflito. Sua luta é silenciosa, mas a força que os guia está sempre presente em suas palavras, que saem do coração. Esta força se renova na casa de rezas, a *Opy*, onde entoam cantos e realizam seus rituais sagrados. Nas suas músicas falam daquilo que é importante para eles em seu diálogo com *ñanderu* (nossa pai). Em uma de suas músicas aparece a tristeza pela exuberância perdida da natureza, que já não possui os vegetais sagrados da tradição:

Já não temos mais o que precisamos. Na nossa aldeia não temos mais taquareira como antigamente. Não temos mais madeira como antigamente. Já não podemos mais construir nossas ocas e nem nossa Casa de Rezas, porque os não índios tomaram e destruíram tudo que o nosso Deus deixou para nós (NHANDERU JEPOVERÁ, 2004).

Pela importância que representa a tradição espiritual para esta etnia, o cacique geral do Rio Grande do Sul, José Cirilo Pires Morinico, declarou no Fórum Indígena Internacional, que ocorreu em agosto de 2005, em Porto Alegre, que “sustentabilidade é a casa de reza, a *Opy*”. Esta conclusão havia levado a EMATER (Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Rural) a viabilizar a construção de casas de reza em várias aldeias do estado, porque então foi possível compreender que todos setores da vida passam por esta edificação: a saúde, a educação, a religião, etc. Se na comunidade existe a casa de rezas e o *karaí* (pajé), existe a força para viver do modo guarani (*ñande rekó*).

Os Mbyá-Guarani valorizam muito o *ñande rekó*, o seu modo de viver, que possui um outro ritmo e outros valores. Porém, o convívio com a sociedade acaba trazendo novas necessidades e facilidades para dentro da aldeia, que muitas vezes não são compreendidas. Um senhor Ñandeva-Guarani do Cantagalo (Viamão), seguidamente justifica que por estar vivendo em uma casa de não-índio, não significa que deixou de ser Guarani, porque isso não acontece. Um cacique Mbyá-Guarani de Porto Alegre também pensa assim, dizendo que todos estão sofrendo as consequências do progresso:

É o coração que manda. Não importa se usamos óculos, celular, casa de tijolo. Aqui só falamos o Guarani. O peixe também não vive mais como os antigos, vive em barragem, não pode subir o rio para ter seus filhotes. O joão-de-barro continua fazendo suas casinhas, mas no poste. Ninguém salva a natureza, os animais, a terra, a água (Registro de entrevista concedida em 15/12/2005).

Para a sustentabilidade do *ñande rekó*, não são necessários somente os elementos essenciais, como a terra, os recursos naturais, a casa de rezas (*Opy*), pois esta fragmentação leva a visões parciais. É fundamental a compreensão e o respeito aos valores culturais que orientam a cultura. É importante que os não-índios sejam capazes de compreender esta relação tão íntima, cuidadosa e integral que os Mbyá mantêm com o planeta. Através deste respeito vivido diariamente eles demonstram como é possível caminhar macio sobre a Terra.

4.2 A casa Mbyá-Guarani

Os Mbyá-Guarani denominam a habitação tradicional de *Oó* sendo o local das refeições, do descanso, da proteção contra o calor, o frio e as tempestades. Segundo o Inventário Nacional de Referências Culturais (INVENTÁRIO, 2005) as casas tradicionais são capazes de abrigar os Mbyá de desastres naturais, pois dentro delas os deuses os protegem. Segundo Souza (1987), as interpretações dos significados simbólicos da cultura material são tão importantes quanto os aspectos funcionais e as técnicas.

A habitação dos Mbyá-Guarani que vivem na *Tekoa Koenju* (Aldeia Alvorecer, Inhacapetum/ São Miguel das Missões) são leves, algumas casas são fechadas lateralmente com taquara, outras possuem vedação feita com barro, tipo taipa de mão, como pode ser visto na Figura 1a. A cobertura

normalmente é feita com taquara, uma vez que não existem outros materiais disponíveis na área, como a palmeira e o sapé.

Durante os meses de outubro a dezembro de 2005 foi construída uma casa tradicional na *Tekoá Koenju*. O processo construtivo foi em mutirão, com a ajuda de vários parentes. O local escolhido foi uma clareira e a porta da casa ficou voltada para o leste, onde há um riacho. A casa foi construída com pilares centrais de dois metros de altura, configurando um telhado e duas águas apoiado em pilares laterais de aproximadamente um metro de altura. Para fincar os pilares no solo é cavado um buraco de sessenta centímetros de profundidade. A estrutura é amarrada com cipó. Para o transporte da taquara coletada na mata utilizam uma carroça. As taquaras são cortadas ao meio com facão e colocadas ao sol para secar antes de serem utilizadas na cobertura e vedações. Depois de construída esta casa (Figura 1b), iniciou-se a construção de outra casa menor, ao lado.



Figura 1: habitação em taipa de mão - *Tekoa Koenju*. Foto: Maurício Magro (a); habitação em madeira e taquara - *Tekoa Koenju*. (b)

Em uma das visitas à *Tekoá Anhetenguá* (Aldeia da Verdade, Lomba do Pinheiro/ Porto Alegre) conversou-se sobre a questão do fogo dentro da habitação, porque chegando na área, foi possível perceber a presença de duas novas edificações, construídas com o material que restou da cobertura da *Opy*: estrutura de pau-a-pique revestida com palha de santa fé. Um guarani explicou que seu filho, de 14 anos havia construído as duas novas casas para que estivessem perto do fogo antes de dormir e após acordar. Este seria um local para o chimarrão matinal junto ao fogo. É importante observar que estas casas em palha foram construídas junto à porta de acesso de duas habitações de alvenaria, onde não é possível acender o fogo.

Sobre o processo de construção das casas, cada casal faz a sua casa, mas todos ajudam, como num mutirão. Na construção das *Opy* (casa de rezas) todos ajudaram e em algumas aldeias a EMATER levou alguns parentes para ajudar, mas todos sabem fazer a casa tradicional. As crianças ajudam os adultos e aos poucos vão adquirindo a técnica construtiva, porém algumas pessoas acabam demonstrando mais habilidade e dedicação para a atividade e, desta forma, tornam-se referência dentro da comunidade.

Na *Tekoá Nhuū Porá* (Campo Molhado), localizada em Maquiné, que segundo o cacique Avelino (TERRAS, 2004) é a maior demarcada, com 2266,5 hectares, existe uma boa área de mato, onde é encontrada a matéria-prima para as construções das casas – xaxim, cipó e taquara. Nesta comunidade, a execução da cobertura é semelhante às casas de São Miguel das Missões, com duas águas em taquara, porém as águas são maiores e se estendem até quase tocar o chão (Figura 2a). Não existem janelas nas casas e a porta é a única abertura para o exterior. As paredes são estruturadas e vedadas com xaxim, tornando o interior da casa muito escuro, mas segundo informações obtidas em entrevista, é bem climatizada, mantendo o calor durante as frias noites de

inverno. A tipologia permite ainda o uso do fogo, uma vez que o telhado de taquara facilita a retirada da fumaça.

No caminho para o Cantagalo, no Bairro Lami (Porto Alegre), existe um acampamento dos Guarani para venda de artesanato. As casas são provisórias, construídas com madeira do lugar. Um jovem esclareceu que para este tipo de construção pode-se utilizar qualquer madeira, não necessitando madeiras duradouras como aquelas utilizadas nas casas de morar. Nas casas tradicionais eles usam madeiras duras como a guajuvira e o cedro. Nas casas do acampamento é utilizada a madeira do próprio local, a lona é comprada e ainda são reutilizados outros materiais como carpete velho. Uma das casas era maior (Figura 2b), a porta abria para o lado da estrada e dentro tinha uma cama construída na estrutura da própria casa. A casa era composta por vários pedaços de lona e, cobrindo todos eles, uma maior cuja amarração lateral criava um beiral afastado da parede para proteger da chuva.



Figura 2: habitação de xaxim - *Tekoa Nhuū Porā* (a); casa de lona – acampamento estrada do Lami (b)

Na *Tekoá Jataity* (Aldeia dos Butiazeiros, Cantagalo/Viamão) visitou-se uma casa que fica mais isolada, próximo à mata e à um riacho. No local existem três edificações. O morador explicou que uma delas é utilizada para dormir, outra era a antiga casa, que hoje usam para fazer o fogo, e a última casa é utilizada para criar galinhas. A casa onde dormem é mais fechada (Figura 3b), é coberta com telha francesa, tem porta de madeira, pedaços de telha de fibro-cimento, lona e outros materiais reutilizados de outras casas e construções que foram feitas na aldeia. A casa onde fazem o fogo (Figura 3a) tem a entrada voltada para o leste e fica de frente para o riacho (posição idêntica à casa de São Miguel das Missões, descrita anteriormente). Também é coberta com telha de barro e fechada com madeira somente na face oeste, onde predominam os ventos de inverno.



Figura 3: casa para o fogo (a) e casa para dormir (b) – *Tekoá Jataity*

O local (Figura 4) onde estão as casas se configura pelo riacho, pela mata ciliar e um pequeno morro que leva à casa de rezas (*Opy*). Este local cria um ambiente ideal para quem mora ali, que diz preferir morar onde está, pela localização, mesmo que existam casas de alvenaria desocupadas na aldeia. Nesta comunidade não tem palmeira nem taquara, por isso consideram importante ter as casas de madeira como aquelas da Barra do Ribeiro (descritas no próximo item).

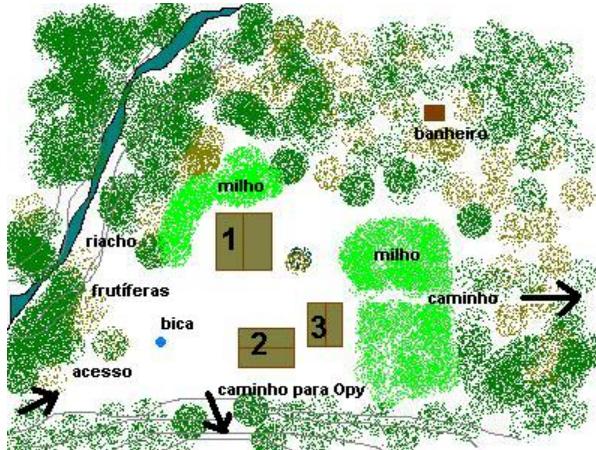


Figura 4: esquema da implantação das casas: 1- casa de dormir; 2- casa do fogo; 3- casa para frango.

4.3 Intervenções recentes nas aldeias visitadas

A situação habitacional nas aldeias visitadas é caracterizada pela presença recente de casas provenientes de programas estaduais de habitação indígena. As primeiras iniciativas de construção de casas diferenciadas em madeira de eucalipto para atender à demanda da população Guarani no Rio Grande do Sul ocorreram logo após a aquisição das áreas de Coxilha da Cruz e Inhacapetum. As famílias instaladas nestas novas áreas continuavam na mesma situação habitacional em que estavam antes – acampados em casas de lona preta. O Governo do Estado decidiu que construiria as casas e os Mbyá da *Tekoá Porã* (Coxilha da Cruz, Barra do Ribeiro) participaram das decisões de projeto dentro do Conselho Estadual dos Povos Indígenas (CEPI). Foram realizadas várias reuniões e, segundo a liderança da *Tekoá Porã*, "o Guarani decidiu como seria a casa".

Contudo, existem algumas reclamações e sugestões relativas ao desempenho das casas de madeira. Dizem que é muito fria porque entra vento e o fogo é feito na varanda. Quando faz muito frio, fazem na área interna de chão batido. Esta tipologia previa que o fogo fosse aceso no interior da casa, por isto possui uma boa retirada de fumaça pelo ar que entra pelas frestas entre as toras das paredes, saindo pelas telhas de barro (a casa não possui forro). O conforto térmico é bom no verão. Quanto à distribuição espacial da casa, disseram que está ótima.

Em entrevista, o cacique da *Tekoá Koenju* (Inhacapetum/ São Miguel da Missões) colocou que a diferença entre morar numa casa de madeira e morar numa casa tradicional Mbyá está na forma de pensar: quando vive na casa de taquara, pensa na cultura Guarani; enquanto que a casa de madeira, com luz elétrica, faz pensar nas coisas que quer comprar, como a televisão, e a cada coisa a mais que se queira, uma nova necessidade pode surgir. Naquela ocasião (19/07/2005), disse que talvez construam novas casas em taquara na área, pois tem material disponível (taquara e cipó). Alguns meses depois realmente foram construídas outras casas tradicionais.

Pode-se observar em algumas localidades a permanência das habitações tradicionais ao lado das casas em madeira (Figura 5). Outra observação é relativa à diferença de dimensões entre as duas construções. Existem diversos motivos que levam os Guarani da *Tekoá Koenju* a manterem suas habitações tradicionais, entre eles está o significado simbólico contido nesta tipologia.



Figura 5: habitação Mbyá-Guarani da *Tekoa Koenju* ao lado das casas construídas pelo governo estadual.

Os Guarani consideram interessante avaliar as casas de madeira, porque existem muitos problemas importantes a serem levantados, que já foram comunicados à Secretaria de Habitação (SEHAB), como as telhas das casas que são levadas pelo vento. Um dos problemas foi o local do fogo, que ficou na varanda externa da casa. A varanda, que possui piso de chão batido, foi fechada para poderem ficar junto ao fogo durante a noite, antes de dormir. As famílias costumam dormir na área de assoalho de madeira, que também é importante existir. Outra questão relativa à casa de madeira foi a execução do assoalho, que ficou com muitas frestas e não bloqueia a passagem do vento. Em algumas comunidades a parte lateral inferior da casa foi fechada com tábuas na horizontal, para bloquear o vento. Um cacique de Porto Alegre coloca que os Guarani da sua aldeia gostam das casas de madeira, que são a única alternativa. Relatou que morou por cinco anos em casa de lona e que era muito difícil. Da casa de madeira entende que:

(...) os materiais são todos naturais e que o homem transformou. Só faltaram pessoas formadas para fazer a casa. Faltaram técnicos especializados do estado para fazer. O modelo é bom, é como a casa Guarani. Quando é frio entra vento pelo piso. Hoje dormem bem, mesmo quando chove. Só quando é frio é ruim. Se tiver vento forte, Deus tira as telhas, para Deus não tem segurança. Tem que saber viver com a natureza, falar com a natureza. Saber respeitar a chuva, o raio, o vento e saber conviver (Registro de entrevista concedida em 15/12/2005).

Este cacique explicou ainda que na *Tekoá Igua Porã* (Pacheca/ Camaquã) não foram construídas casas de madeira, porque a comunidade preferiu receber o material para que as casas fossem construídas por eles. Na *Tekoa Nhuñ Porã* (Campo Molhado/ Maquine) eles também vão receber as casas de madeira. Ele contou que as casas de xaxim duram dois anos, depois é preciso refazer, por isso em Campo Molhado eles também querem casas de madeira. Mas, segundo ele, sempre tem os dois lados: “lá tem gente que não quer, mas Avelino (cacique) quer, então vão fazer. Às vezes quem não quer se separa, ou fica longe” (Registro de entrevista concedida em 15/12/2005).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A etnia Mbyá-Guarani vive uma forte tradição cultural que ensina, através da relação com a natureza, um caminho para a sustentabilidade vivenciado nas práticas religiosas. Possuem a consciência de integração e unicidade com o planeta, princípio que garante a continuidade da vida. Suas habitações tradicionais também demonstram a suavidade de seu caminhar pela Terra. Porém, devido à falta dos recursos naturais para a construção em muitas comunidades as habitações eram precárias, em lona preta.

Atualmente, através do Programa Estadual de Inclusão Indígena nas Políticas Públicas, este quadro foi amenizado com a construção de casas diferenciadas de madeira em substituição às de lona preta. Ocorreram, todavia, algumas limitações, sendo que estas habitações ainda não são completamente

satisfatórias por terem sido construídas com deficiências nos acabamentos, prejudicando o conforto térmico. Somado a isto, existe a proteção, que para alguns é insubstituível, que representa a casa tradicional, com seus elementos simbólicos e valores culturais intrínsecos. Consequentemente, apesar de terem recebido casas de madeira do governo do estado, observa-se nas comunidades visitadas a manutenção das casas tradicionais ao lado das casas novas.

Os Mbyá-Guarani dialogam com as políticas públicas em busca de autonomia para construir suas próprias habitações, uma vez que os materiais tradicionais da sua cultura estão escassos. Entende-se que a viabilização do acesso ao material é uma das soluções adequadas para esta situação. Desta forma, acredita-se que ações para reverter o atual estado de degradação ambiental de algumas áreas, com a inserção das espécies nativas utilizadas tradicionalmente, possam contribuir para a viabilidade do modo de vida tradicional, incluindo a valorização da tradição construtiva.

6. REFERÊNCIAS

- CAMPREGHER, I. Situação das Comunidades Indígenas no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: CEPI/DECID/STCAS, ago. 2003.
- COSTA, C. O desenho cultural da arquitetura guarani. In: Pós: Revista do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP. São Paulo, n. 4, p. 113-130, dez. 1993.
- COSTA, M. H. F. & MALHANO, H.B. Habitação Indígena Brasileira. In: RIBEIRO, B. Suma Etnológica Brasileira 2 – Tecnologia indígena. Petrópolis: Vozes/ Finep, p. 27-94, 1987.
- INVENTÁRIO Nacional de Referências Culturais. Comunidade Mbyá-Guarani da Reserva Indígena Inhadapetum. Relatório Fase Preliminar. NIT/UFRGS e 12ª SR IPHAN. 2005.
- JECUPÉ, K. W. A Terra dos Mil Povos: a história do Brasil contada por um índio. São Paulo: Peirópolis, 2001a.
- _____. Tupã Tenondé: A criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani. São Paulo: Peirópolis, 2001b.
- LÉVI-STRAUSS, C. O uso das plantas silvestres da América do Sul tropical. In: RIBEIRO, B. Suma Etnológica Brasileira 1 – Etnobiologia. Petrópolis: Vozes/ Finep, p. 29-46, 1987.
- MEDRANO, R. H. O projeto jesuítico e a organização do espaço nas missões do Paraguai. 1992. Trabalho de Graduação Interdisciplinar – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- NHANDERU JEPOVERÁ, Cantos Guarani – Cantagalo, Viamão, RS. 2004. 1CD
- NOELLI, F.S. Sem tekohá não há tekó : em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência guarani e sua aplicação a uma área de domínio no Delta do Rio Jacuí-RS. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- EMATER. Projeto de Assistência Técnica e Extensão Rural 2003/2004: Relatório Final de Avaliação. Porto Alegre: MDA-SAF/EMATER/RS, 2005.
- SCHADEN, E. Aspectos fundamentais da cultura Guarani. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.
- SOUZA, J. O. C. Uma introdução ao sistema técnico-econômico guarani. 1987. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- SOUZA, J. O. C. Aos "fantasmas das brenhas": etnografia, invisibilidade e etnicidade de alteridades originárias no sul do Brasil (Rio Grande do Sul). 1998. 492 f. : il. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, BR-RS, 1998. Ori.: Oro, Ari Pedro.
- SOUZA, J. O. C. O sistema econômico nas sociedades indígenas guarani pré-coloniais. In: Horizontes Antropológicos: arqueologia e sociedades tradicionais/ UFRGS. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Ano 8, n.18. Porto Alegre: PPGAS, 2002.
- TERRAS Guarani no litoral: as matas que foram reveladas aos nossos antigos avós. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista (CTI), 2004.